



Cerâmica de São Gonçalo Beira Rio

CERÂMICA DE SÃO GONÇALO BEIRA RIO



Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Iphan / Ministério da Cultura

REALIZAÇÃO

Ministério da Cultura

Ministro interino: João Batista de Andrade

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Presidente: Kátia Bogéa

Departamento de Patrimônio Imaterial

Diretor: Hermano Fabrício Oliveira Guanais e Queiroz

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

Diretora: Cláudia Marcia Ferreira

Associação de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro

Presidente: Maria Cecília Londres Fonseca

PARCERIA INSTITUCIONAL

Vale

Presidente: Murilo Ferreira

PARCERIA LOCAL

Associação dos Artesãos de São Gonçalo Beira Rio

Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural - Promoart

Coordenação Técnica: Elizabete Vicari

Coordenação Administrativa: Cristiano Mota Mendes

O projeto original, na primeira edição do Promoart, realizou em Cuiabá, entre setembro e outubro de 2010, a exposição conjunta "Artes Natas", dedicada à cerâmica de São Gonçalo, além da Viola de Cocho e das Redes de Dormir Cuiabanas. Contou com a parceria institucional e apoio financeiro do BNDES e parceiros regionais como a Universidade Federal do Mato Grosso, a Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso e a Superintendência do Iphan em Mato Grosso.

parceria institucional



realização





SETOR DE PESQUISA

PROGRAMA SALA DO ARTISTA POPULAR

Coordenadora: Elisabeth Costa

PESQUISA E TEXTO

Elizete Ignácio dos Santos

ATUALIZAÇÃO

Alexandre Paz

FOTOGRAFIAS

José Medeiros

PROJETO DE MONTAGEM E PRODUÇÃO DA MOSTRA

Luiz Carlos Ferreira

PRODUÇÃO EDITORIAL E DIAGRAMAÇÃO

Avellar e Duarte Consultoria Cultural Ltda.

Patrícia Costalonga (estagiária)

Daniele Figueiredo

CAPA

Ana Paula de Sá Miranda

Rafael Rocha de Souza

REVISÃO DE TEXTOS

Fátima S. de Oliveira

Maria Elisa Nunes

C411
2017

Cerâmica de São Gonçalo Beira Rio / pesquisa
e texto de Elizete Ignácio dos Santos. -- Rio de Janeiro :
IPHAN, CNFCP, 2017.

36 p. : il. -- (Sala do Artista Popular; 188).

ISSN 1414-3755

Catálogo da exposição realizada no Rio de Janeiro, de
22 de junho a 30 de julho de 2017

1. Artesanato em barro. 2. Cerâmica. 3. Artistas
populares – Mato Grosso. I. Santos, Elizete Ignácio dos,
org. II. Série.

CDU 738(817.2)

O Museu de Arte e de Cultura Popular – MACP nos seus 36 anos de existência vem, mesmo com as adversidades sociais, políticas e econômicas, constituindo-se em uma instituição de referência nas artes visuais. Desde a sua criação em 1974, o MACP tem sido um dos instrumentos que alicerçam a produção artística visual em Mato Grosso.

Criado para ser o “agente dinamizador das artes plásticas no estado”, o Museu reúne um conjunto de obras com o intuito de não ser um mero registro histórico da produção local, mas conter elementos iconográficos que contribuam de forma incisiva e necessária para a sustentação da cultura mato-grossense. Atua como um organismo vivo e dinâmico, não como um gueto regionalista, reforçando ideias preservacionistas que consideram a cultura como um patrimônio intocável que não deve ser mudado, mas sim, a cultura que é pensada e assumida em seu pleno devir evolutivo, como algo que não deve sofrer interferências institucionais impositivas, mas deixar que ela mude naturalmente.

O museu, na atualidade, não é mais um simples depósito de coisas antigas e, tal qual a sociedade, é um organismo vivo, dinâmico, que ganha novas significações no decorrer do tempo. E tornar o

museu um meio de ensinar e formar tem ganhado força imperativa no MACP, este caráter de compartilhar com o maior número de pessoas conhecimentos quer seja informativo, histórico ou afetivo. Seu acervo reúne uma mostra significativa - da arte contemporânea e da cultura popular - das gerações que foram formadas em torno de si e que se constituem como referência para as artes visuais na região e no Brasil.

Nesse contexto, iniciativas conjuntas são tomadas e projetos são desenvolvidos, no sentido de contribuir para a produção de novos estudos e pesquisas no campo das artes visuais e da cultura popular. Assim, o MACP serve de laboratório para o aprendizado dos cursos de graduação e de pós-graduação, dando-lhes suporte material, espacial e interdisciplinar.

O exemplo da nossa ação é esta parceria com a Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro, do Rio de Janeiro, que nos possibilitou esta esplêndida mostra da cultura popular mato-grossense, resultado de uma profunda pesquisa que reuniu de uma única vez as redes, as cerâmicas e a viola de cocho.

José Serafim Bertoloto

Diretor do MACP

O catálogo elaborado para a exposição “A cerâmica de São de Gonçalo Beira Rio”, realizada em Cuiabá, no final de 2010, além de relatar as origens do bairro de São Gonçalo do Beira Rio e sua importância para o município, retrata como a produção de cerâmica se insere nesse contexto. Após revisitar o bairro, com o objetivo de organizar uma nova exposição na Sala do Artista Popular, no Rio de Janeiro, identificamos a continuidade e relevância da produção de cerâmica no local. Algumas atualizações, no entanto, se mostraram necessárias em relação ao texto original.

Atualmente a produção de cerâmica é realizada por sete artesãos, em sua maioria mulheres (6 mulheres e um único homem). A produção é diversificada, pois cada artesão possui um estilo e se dedica mais a feitura de alguns tipos específicos de peças. Apesar da Associação concentrar a maior parte dos artesãos, nem todos estão vinculados a ela.

O barro que era doado por uma olaria, hoje em dia é extraído em uma barranqueira, que fica a cerca de 13 Km de distância de São Gonçalo do Beira Rio, nas margens do rio Cuiabá. Essa mudança gerou custos, pois atualmente elas precisam arcar com o pagamento de um canoero para o transporte do barro, ao preço de R\$100,00 a R\$150,00 por canoa, quantidade suficiente para produzir uma fornada de 60 a 70 peças.

A produção é realizada no quintal nos fundos de suas casas, onde fica localizado o forno em que é feita a queima. Cada artesã produz em média de 50 a 60 peças a cada 3 meses.

No texto é mencionada a utilização de moldes de gesso para a produção de algumas peças. Ao explicarem o motivo da utilização desses moldes, as artesãs relataram que a adoção desse instrumento foi em decorrência de uma demanda específica de uma empresa

varejista, pois para realizar a compra de algumas de suas peças, essas deveriam possuir um certo padrão, o molde garantiria que estas se adequassem aos requisitos do pedido. A partir dessa demanda, o SEBRAE ofereceu cursos voltados ao trabalho com gesso, confecção de moldes e queima.

Os artesãos relataram que uma modernização nos equipamentos usados na produção, poderia proporcionar um volume maior de peças produzidas. Seria oportuno a aquisição de um forno elétrico que facilitasse a queima, pois o processo natural depende das condições climáticas.

Além da cerâmica, algumas dessas famílias estão envolvidas com as peixarias, em geral funcionando em suas próprias casas. Estas se tornaram um dos principais atrativos do bairro, com grande afluência de turistas nos fins de semana.

A loja da Associação de Artesãos da Comunidade de São Gonçalo Beira Rio, é o principal ponto de escoamento da produção e um importante ponto para dar visibilidade ao trabalho das artesãs, apesar das dificuldades na administração do espaço.

Em seus relatos, as artesãs sublinharam os desafios atuais do trabalho artesanal. Destacaram sobretudo a sua importância como um espaço de sociabilidade, momento de trocas de experiências e lazer, como conta Alice (Presidente da Associação):

“Acho que é importante a gente manter a nossa produção, manter também a nossa cultura viva. Porque a cerâmica é desde do início de São Gonçalo, então eu acho que para mim é importante, até quando a gente aguentar ou até quando Deus permitir eu vou manter essa tradição sim.”

A cerâmica tradicional de São Gonçalo Beira Rio

ELIZETE IGNÁCIO DOS SANTOS

Até a década de 1960 o bairro de São Gonçalo Beira Rio era conhecido como São Gonçalo Velho, denominação que lhe foi dada ainda no século 18 quando se iniciava a ocupação da capital mato-grossense. Trata-se de um dos primeiros povoados cuiabanos, surgidos com a chegada de bandeirantes e o início do ciclo do ouro (Romancini, 2005). Localizado à margem esquerda do rio Cuiabá, entre os córregos São Gonçalo e Lavrinha e próximo à barra do rio Coxipó (Romancini, 2005), foi um ponto central da circulação de mercadorias da cidade, pois desde a sua fundação em 8 de abril de 1719 até 1781 o arraial detinha o porto central de Cuiabá, transferido então para o atual bairro do Porto.

A mudança do nome ocorre na década de 1970, com o reordenamento urbano de Cuiabá, quando o bairro é subdividido e integrado à área urbana da cidade. Até os anos de 1960 o bairro encontrava-se isolado da sede municipal, cujo acesso ocorria somente através de barco ou de canoa. Era deste modo que os potes e talhas confeccionados pelas artesãs locais chegavam aos seus compradores, em geral levados

pelos maridos para venda no Porto de Cuiabá ou em outras comunidades ribeirinhas ao longo dos rios do Pantanal. Esta relação dos moradores com os rios que limitam o bairro, e que foram seus caminhos, se reflete em muitas das peças artesanais produzidas pelas ceramistas locais.

Já era para vender, porque na época dela [sua mãe] sobrevivía é do artesanato. Fazia pra vender mesmo, que para o uso tirava um pote para casa e isso aí ficava definitivo... Na época da minha mãe vendia era em outros bairros, que chama Porto hoje. Então meu pai saía vendendo de canoa, levava de canoa que na época não tinha condução, meio de transporte terrestre. Então saía mais era de canoa para estar vendendo (D. Eloir Rodrigues, 51 anos).

A paisagem do bairro é formada por casas de quintais alargados, abertos para o rio Cuiabá e com



vista para a vegetação pantaneira, na margem oposta. Nos fundos das casas ficam os animais de criação, principalmente galinhas e galinhas-d'angola, e pequenas hortas. As artesãs e os artesãos também trabalham nos fundos das casas, onde é construído o forno caipira. Esses quintais cuiabanos são parte de uma mitologia local que identificaria ali um modo de ser específico e uma tradição típica de Mato Grosso. São Gonçalo Beira Rio foi tomada como a comunidade que preserva as tradições típicas cuiabanas e por esta razão, em 1992, foi tombado pelo município, que declarou a produção da cerâmica como uma das manifestações mais tradicionais de Cuiabá (Romancini, 2005).



Artesã Auribela



Artesã Cleide

Ainda no sentido de valorizar as tradições cuiabanas mais típicas, o bairro foi incluído no circuito da “Rota do Peixe”, tornando-se um polo de turismo gastronômico em conjunto com outros bairros ribeirinhos que receberam investimentos municipais para esta finalidade. Nesses bairros existem algumas peixarias caseiras que servem pratos típicos cuiabanos feitos à base de pacu, pintado ou piraputanga. Nos fins de semana pode-se observar ali a afluência muito maior de moradores de Cuiabá e de municípios próximos, que visitam o bairro com suas famílias para comer em uma de suas peixarias caseiras. Durante a semana é possível perceber uma presença maior de turistas de fora de Mato Grosso, que vão a São Gonçalo antes de seguirem para a Chapada dos Guimarães. Assim, a vida do bairro muda totalmente nos fins de semana, que são ruidosos, com grande circulação nas ruas de carros e pessoas que se esbarram ora para servir, ora para serem servidas. Já durante a semana, é um local tranquilo, com alguns poucos moradores que conversam em seus quintais abertos ou caminham lentamente pelas ruas e cuja rotina é alterada apenas pelos carros que passam perguntando pela loja de cerâmica e por uma ou outra peixaria caseira que se disponha a estar aberta.

Atualmente, São Gonçalo Beira Rio possui cerca de 400 moradores, reunidos em torno de 80 famílias que



guardam laços de parentesco entre si. Dessas famílias, cerca de 25 trabalham diretamente com a produção artesanal de cerâmica, vendida tanto na loja da Associação de Artesãos da Comunidade de São Gonçalo Beira Rio, quanto para lojistas que compram para revender em outros municípios e estados. Alguns artesãos também vendem para a Casa do Artesão, centro de comercialização do artesanato mato-grossense administrado pela Fecomércio-MT, no centro de Cuiabá.

As principais fontes de renda das famílias da comunidade vêm da venda da cerâmica, da pesca e da

construção de barcos. Algumas artesãs ministram cursos de produção de cerâmica em suas residências para turistas ou alunos de escolas públicas de Cuiabá, ou ainda para moradores de outras comunidades. Atualmente, muitas delas têm investido nas peixarias caseiras, conseguindo um incremento a mais na renda. Outra fonte de renda são os “chás com bolo”, café da manhã considerado típico de Cuiabá em que são servidos chás, café, bolo de arroz, pão de queijo¹ e outros quitutes de Mato Grosso. Essas pequenas “casas de chá”, assim como as peixarias caseiras, ocupam não só os quintais das casas do bairro com mesas e cadeiras, como também uma área de cerca de 10 metros de largura na margem do rio Cuiabá, que forma uma espécie de “calçadão” arborizado onde os turistas e visitantes sentam-se para comer enquanto apreciam a paisagem ao longo do rio. Assim, cerâmica e peixes colaboram entre si para a sustentabilidade do bairro e de suas famílias, bem como para a preservação das tradições culturais locais, como a Festa e a Dança de São Gonçalo, o cururu e o siriri.

Tem a Festa de São Gonçalo, que é dia 10 de janeiro. Agora estão surgindo outras festas que vão fazer a festa do peixe, acho que é São Sebastião, que surgiu agora. E tem

outros tipos de festa, que quando surge, a gente faz. Aqui tem o grupo de siriri também, tem o grupo de cururu... o Flor Ribeirinha, da dona Domingas... [Na Festa de São Gonçalo] tem os festeiros, que, quando chega no dia, eles fazem a reunião, e aí aquele grupo é o festeiro do ano, que faz a festa... De madrugada fazem o bolo, porque tem a missa no sábado, aí tem o chá com bolo, que falam. À noite tem o cururu e o siriri e tem o sopão à meia noite. [...] O chá é distribuído para as pessoas que vêm na missa... tem chá mate, café com leite... O bolo eles colocam na sacolinha e vão distribuindo pro povo. No sábado vai organizar para a festa à noite, que tem a sopa à noite, meia-noite, faz o sopão, distribuído de graça. No domingo tem o almoço e a matinê. A matinê é um baile. Aí dança a tarde inteira, até dez horas da noite... [A música] depende dos conjuntos... lambadão, rasqueado... depende do conjunto. (D. Adelina Luiz Antunes, 57 anos).

Em São Gonçalo Beira Rio – assim como em outras comunidades tradicionais, ribeirinhas, quilombolas ou rurais – não há distinção entre a vida cultural e a vida religiosa e a sua principal festa é a de São Gonçalo, que ocorre no dia 10 de janeiro ou no fim de semana mais próximo. A festa em

si divide-se em dois dias: no sábado pela manhã é realizada uma missa, e logo depois é servido um café da manhã para os presentes, o chá com bolo. À noite apresentam-se grupos de cururu e siriri e de danças de São Gonçalo. À meia-noite é servida uma sopa para os presentes. No domingo é servido um almoço, seguido pela matinê, o baile dançante que conta com a participação de grupos de gêneros musicais mais variados, mas especialmente o rasqueado. Porém, a movimentação em torno da festa mobiliza o bairro muito antes desse fim de semana mais específico, pois quase todos se envolvem em sua organização.



Júlia



Nice



No bairro também está localizado um dos mais conhecidos grupos de siriri de Cuiabá: o Flor Ribeirinha, fundado por dona Domingas Leonor. Tão forte quanto o siriri é o cururu e a viola de cocho, tocada por tiradores (aqueles que tocam e cantam para as danças de cururu, siriri e São Gonçalo) reconhecidos de Cuiabá, esposos de ceramistas, alguns deles ceramistas também, como foi o caso de seu Clíneo Moura.

A TRADIÇÃO DA CERÂMICA EM SÃO GONÇALO BEIRA RIO

Há cerca de seis anos foi fundada a Associação de Artesãos de São Gonçalo Beira Rio, com o objetivo de estimular a produção e a comercialização do artesanato local. Em 2007, a Associação montou uma loja no Centro Cultural do bairro, espaço cedido pela Prefeitura Municipal de Cuiabá, onde são realizadas as festas locais, especialmente a de São Gonçalo, as reuniões dos moradores do bairro – pois também é sede desta associação – e outros eventos dos grupos. A Associação de Artesãos possui 14 associados – a maioria mulheres –, que se revezam para manter o espaço aberto todos os dias da semana.

De um modo geral, todos os membros de uma família



de ceramistas se envolvem em ao menos uma das etapas da produção artesanal. E, a despeito de parecer uma tarefa eminentemente feminina, o trabalho com a cerâmica também é responsabilidade dos homens, pois cabem a eles as atividades mais pesadas, como buscar e socar o barro e, ainda, enfiar e queimar as peças. Alguns não se limitam a estas tarefas e também produzem peças artesanais. Este é o caso do artesão Ozil Moraes e Moura, que aprendeu o ofício da cerâmica observando sua mãe, Dona Biuína, seu pai, seu Clíneo Moraes e Moura, artesão, violeiro de cocho e cururueiro, considerado um dos maiores artesãos que o

bairro já teve, com trabalhos expostos em diversos lugares do Brasil e no exterior.

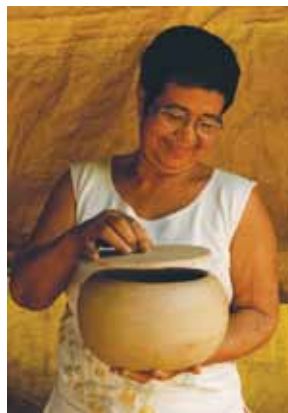
Pelo que eu sei, ele foi o primeiro [seu Clíneo]... Tem uns três a quatro [homens] que fazem, mas não vivem diretamente da produção. (Ozil Moraes e Moura, 41 anos).

Já os filhos dos artesãos geralmente ajudam no acabamento e, desse modo, desde cedo têm contato com a produção da cerâmica: aprendem observando as mães em suas tarefas e auxiliando-as com as etapas mais simples e de menor risco. Também é comum que façam suas loucinhas e que inventem arabescos para decorar as peças feitas pelas mães. Mantém-se, assim, o modo de aprendizagem baseada na tradição oral, na observação e na vida prática, tradição passada das mães para as filhas e filhos, pois cabe à mãe a transmissão deste saber.

Eu comecei com 10 anos... Eu ajudava mais a minha mãe, mas eu produzia ali umas peças pequenas, que não eram tão pesadas. E minha mãe trabalhava com potes, talhas, que eram peças grandes... A talha é mais ou menos como um pote. E a talha é maior. É diferente porque tem orelha

[alças] e naquele roda ali [no pescoço do pote] tinha um corrente que a gente fazia todo pinicado..., no barro, na própria peça... (Alice Conceição de Almeida, 63 anos).

Alguns artesãos dividem a produção das peças entre si ou com familiares. Uma artesã ou artesão modela a peça enquanto outro faz o acabamento. A queima também pode ser responsabilidade de apenas um artesão e às vezes pode ocorrer uma queima coletiva, ou seja, diversos artesãos queimam juntos suas peças, aproveitando o momento em



que um deles acende seu forno. Alguns artesãos queimam coletivamente de modo sistemático, pois trabalham em grupo. Já artesãos que têm maior volume de produção preferem fazer a queima sozinhos.

Eu demoro pra queimar, porque eu não tenho forno. Então eu faço as peças em casa e trago aqui e meu primo que queima pra mim. Então minhas peças são queimadas de três em três meses. Demora! Às vezes que eu coloco algumas pecinhas com ele... [Ozil] (Maria Eunice da Silva Araújo).

Até cerca de dez anos atrás o barro usado na confecção das peças de cerâmica era retirado em um barreiro na margem oposta do rio Cuiabá, situado cerca de três quilômetros abaixo da comunidade de São Gonçalo. A dificuldade para cumprir as leis ambientais que permitiriam usar o barreiro aliada ao envelhecimento dos artesãos levou a que eles buscassem alternativas para conseguir o barro e poucos ainda extraem sua matéria-prima neste local. Neste período o barro era buscado de canoa principalmente pelos homens, que traziam para as esposas o necessário para a produção de um ano. Atualmente o barro é obtido a partir da doação de uma olaria que, uma vez ao ano, envia “duas

tombeiras” para a Associação de Artesãos, que então as distribui em partes iguais entre os ceramistas. Este volume é suficiente para a produção anual e, segundo alguns artesãos, caso falte o barro, pegam em seus próprios quintais ou ainda em quintais de vizinhos. Segundo a ceramista Julia Leite, o barro doado geralmente é de boa qualidade, mas vem sujo e precisa ser mais tratado (ou seja, socado e peneirado) para que permita fazer peças com acabamento mais fino. Este barro é guardado no fundo dos quintais, e coberto com lonas.

O acabamento das peças é feito com pigmento mineral



Maria Leite



Juracy

chamado de tauá, produzido a partir de outro tipo de barro. É possível encontrar tanto o tauá vermelho – usado para pintar toda peça e que confere um brilho como se ela estivesse envernizada –, quanto o tauá branco – usado apenas para a pintura decorativa, pois tem uma textura mais porosa e possibilita desenhos em alto relevo. Para fazer o tauá, ele deve ser quebrado e misturado à água, e dissolvido aos poucos com as mãos, transformado-se em um líquido denso. Depois é coado em um tecido ou em uma peneira muito fina, para que sejam retiradas as impurezas que possam danificar a



Ozil

peça. Ambos são extraídos uma vez ao ano em um sítio particular próximo do bairro. Trata-se de uma área alagadiça e, para que seja possível extrair o tauá de boa qualidade, o artesão deve “cavar”, ou seja, colher as partes mais fundas do terreno molhado. O tauá é guardado em potes menores sob coberturas feitas com troncos de madeira e telhas.

Em síntese, a produção de cerâmica em São Gonçalo Beira Rio pode ser feita com modelagem totalmente manual ou com o uso de moldes em gesso, produzidos pelos próprios artesãos. Este segundo modo é uma novidade recente, introduzida a partir de cursos de formação e capacitação oferecidos por projetos de valorização do artesanato local. Porém, a maior parte das etapas de confecção da cerâmica de São Gonçalo Beira Rio é igual em ambas as formas de modelagem.

A gente de antes comprava o barro de canoa. Ficava uma distância meio longa, subia esse barranco... na época que eu comecei esse trabalho, pegava essa argila da canoa, colocava pra secar; depois de seca, batia, amassava, coava – até hoje coa na peneira. A parte grossa arruma de molho, a parte fina deixa. No outro dia pega essa parte fina e amassa com a parte grossa que ficou de molho como se tivesse amassando um bolo. Ai, depois da peça pronta, vai fazendo várias peças, sempre cobrindo com um saco plástico pra ela não secar, porque, se ela secar, já perdeu a peça. Depois faz o acabamento, raspando com tampa de graxa de sapato. Depois torna a embrulhar a peça, aí vamos utilizar o tauá, que é o que vai dar a cor nessa peça. Ai, depois que ela seca, só passa a água, um pouquinho, e alisa com tampa





de caneta pra dar o brilho na peça. E nós trabalhamos com três tipos de argila: a argila que faz a peça, a argila que dá a cor, e a argila branca, da pintura... (D. Adelina).

1) Inicialmente deve-se pegar o barro que está guardado e deixá-lo secar. Uma vez seco, ele é socado ou quebrado com uma base de madeira semelhante a um pilão.

2) Depois de quebrado, este barro é coado, ou seja, é peneirado em uma peneira fina. Desse modo separa-se o barro grosso – os pedaços maiores que ficam sobre a peneira – do barro fino – aquele que foi coado, semelhante a uma farinha.

3) O barro grosso é deixado de molho por uma noite, até se desfazer, formando um mingau. Neste mingau acrescenta-se o barro fino, que é polvilhado sobre a massa até que ela fique consistente, no ponto para a modelagem. Esta massa também pode ser guardada em sacolas plásticas para não secar, e usada em momentos posteriores.

4) A peça artesanal pode ser confeccionada de dois modos:





Na modelagem manual deve-se formar primeiro um “bolo” redondo, a partir do qual se dá forma ao começo da peça, à sua base. Com a base pronta, utiliza-se a técnica de roletes espiralados – semelhante a uma corda –, que são colocados um sobre o outro enquanto as artesãs conferem forma às peças. Essa técnica é usada principalmente para a produção de potes, talhas, jarros,oringas e vasos de planta. Porém, existem peças nas quais não é possível usar o rolete por conta de sua modelagem mais detalhada, como é o caso das travessas.

Como uma fruteira: você faz de torcida, igual a uma corda, e arredonda ela. Coloca o barro, faz a torcida até chegar no ponto de dar a forma da fruteira. Já o pote, você faz uma bola, coloca na tábua, daí vai puxando e ela vai crescendo. Daí vai formar um começo. Desse começo, você deixa ficar mais duro, vai colocando outras torcidas, e levanta até um tamanho antes da boca. Ele vai ficar comprido. Depois que ele fica comprido, vai bojar com um cuitê de cabaça pra dar aquela finalidade, pra ficar redondo. Você vai arredondando ele com a mão e com o cuitê, que a gente faz de cabaça... A gente deixa a cabaça secar, corta um pedaço dela, aí vai raspando e alisando ele, pra ficar bem



liso, pra modelar a peça... Depois que boja, vai fazer a boca do pote. Depois que está pronta, deixa endurecer, e aí vai raspar. (Dona Alice)

As formas, ou moldes, são confeccionadas pelos próprios ceramistas, que primeiro devem elaborar uma matriz com a modelagem totalmente manual. Uma vez pronta (inclusive queimada), deve-se colocar esta matriz em uma caixa que será preenchida com gesso quase líquido, que, após endurecer, será aberto formando duas metades,



cada uma sendo um dos lados da peça. Para confeccionar uma nova peça, o barro não pode estar em ponto de massa, mas sim mais líquido, semelhante a um mingau. As metades do gesso são amarradas e este mingau é derramado através de um orifício. O molde é posto para secar por aproximadamente duas horas e depois este orifício é virado para baixo sobre um balde, deixando escorrer o excesso de barro para que a peça fique oca. Depois de mais duas ou três horas de secagem, a peça é retirada do molde e está pronta para a raspagem e para o acabamento. Segundo os



artesãos nem todas as peças podem ser feitas com moldes. Um exemplo são as codorninhas, que, mesmo que a base possa ser feita com molde, as penas que lhes conferem características e beleza devem ser moldadas e coladas à mão.

Eu mesma aprendi a fazer na forma, mas eu gosto mais manual. Se for fazer uma boneca, eu gosto de fazer uma diferente da outra, e na forma sai tudo igual. (Eunice)

Uma diferença tem pra fazer na forma... Você coloca [o barro] de molho, e tem de coar. Esse aí tem que ser bem fino. Aí você coa pra fazer um líquido, não igual à água, mas um líquido grosso, pra você colocar dentro da forma; [Para modelar na mão] é duro, você tem que amassar, tem que ser bem firme o barro. Aí você vai trabalhando até ele ir endurecendo e chegar no ponto de você trabalhar. (Dona Alice)

5) Depois de modelada, a peça é posta para secar ao sol, porém não totalmente, pois precisa estar um pouco úmida para a raspagem. Assim, após a primeira secagem, é raspada com uma tampa de latinha de graxa de sapato (item mais comum) ou com qualquer item de alumínio. A “tampinha” corta pedaços da peça que estejam alterando sua forma e, deste modo, lhe confere uniformidade.

6) Após a raspagem é feito o acabamento, que se subdivide em três etapas:

a. Primeiro a peça é totalmente recoberta com tauá, o que os artesãos fazem com as mãos. Após esta pintura, a peça é colocada para secar por alguns minutos;

b. Uma vez seca, a peça é alisada com tampa de caneta e outros objetos. Neste processo, além de mais uniformidade,

a peça ganha também um brilho, parecendo que foi coberta de verniz;

c. Após mais um tempo de secagem, é feito o desenho com tauá. Nesta etapa as artesãs e os artesãos criam livremente os desenhos que decoram as peças.

O desenho a gente tira da cabeça... A gente vai pensando e riscando, porque eu risco com um lápis, e depois é que eu vou pintar com o tauá. (Dona Alice)

É difícil para as artesãs mensurarem o tempo de produção de uma peça, pois, além de produzirem várias peças ao mesmo tempo, dividem o tempo de trabalho da cerâmica com outras tarefas domésticas, ou com as tarefas mais pesadas do processo de produção, no caso dos homens. Em geral, dedicam a parte da tarde para a confecção de peças variadas, cujo tempo de produção também varia de acordo com o grau de dificuldade e adorno. O acabamento pode ser feito à noite, enquanto assistem à TV junto com a família.

Eu trabalho todo dia, mas eu estou mais disponível para o meu trabalho é na parte da tarde, porque de manhã tem neto, tem filho, tem casa pra gente cuidar, tem almoço pra



gente fazer. Então o tempo mais disponível é a parte da tarde. (Dona Eloir)

7) Após o acabamento, a peça é guardada para terminar de secar e esperar a etapa da queima, que dura três dias: no primeiro dia as peças são enforadas; no segundo, ocorre a queima propriamente dita, com cerca de 14 horas de duração; o terceiro dia é usado para desenforar. A queima é feita em forno caipira, construído com tijolos e com altura variando entre um e dois metros, com a largura também



variada. Ele possui quatro cavidades: a boca, por onde são inseridas as lenhas fina e grossa; os dois ouvidos, por onde sai a fumaça e o calor gerado no processo de queima; e o teto, por onde são organizadas as peças.

Uma vez seca, a peça é enfornada, ou seja, é cuidadosamente organizada dentro do forno, que, uma vez cheio, será coberto com telhas e aceso. A enfornada ocorre na noite anterior à queima.

A queima inicia-se por volta das sete ou oito da manhã, quando os artesãos acendem a lenha grossa. Esta lenha queima com uma chama bem baixa, formando o carvão. A sua função é terminar de secar a peça e assegurar sua resistência. Ao longo do dia o forno é alimentado com mais lenha grossa para que o calor em seu interior aumente.

No fim da tarde, empurra-se o carvão formado pela lenha grossa mais para dentro do forno e inicia-se o contrafogo, ou seja, coloca-se no forno a lenha fina. Esta lenha fina é colocada para que o calor seja reduzido aos poucos, evitando que a sua dissipação rápida provoque fissuras nas peças.

Quando as artesãs veem que a fumaça que sai pelo “ouvido” do forno está branca, sabem que podem apagar as chamas. Se olharem no interior do forno, verão que as

próprias peças estão em brasa. Por isso elas permanecem ali até esfriarem totalmente.

No dia seguinte, raspam as cinzas e o carvão que restou no forno e jogam água para limpar as peças. Após esta etapa, desenforam as peças e as levam para a loja da Associação, pois quase nenhum artesão ou artesã possui estoque em suas casas.

Quando a gente vai tirar a peça, a gente tá pensando assim: “Será que nossas peças vão sair todas sãs... será que vai quebrar?” Por isso é que a gente fala que a nossa sorte, do nosso trabalho, é na queima, porque você não sabe se vão sair todas as peças, se vão quebrar todas as peças... nossa sorte está ali... Muitas vezes, quando o fogo passa, que você coloca muita lenha, ele quebra, racha [a peça]. Quando tem pedra no barro, ele arrebenta; quando tem vento, ele arrebenta certo onde ficou aquele vento. E tudo isso aí, que a gente fica, é a nossa preocupação... (Dona Alice).

O fim da queima é o momento de maior tensão do processo de produção, pois somente então os artesãos ou artesãs irão saber se todas as peças foram aproveitadas ou não. As peças fissuradas são descartadas ou vendidas a um



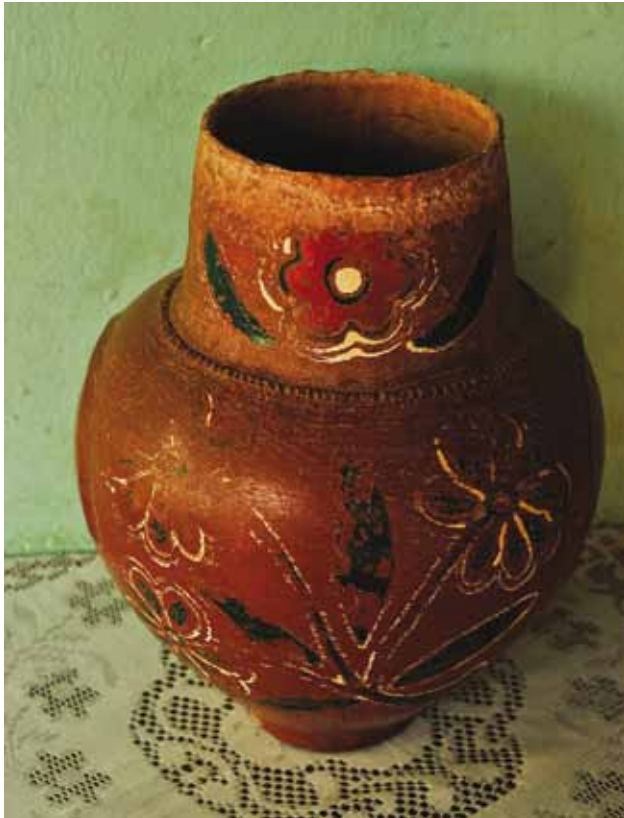
preço muito mais baixo, caso seja possível recuperá-las de algum modo. Porém, em caso de louças de servir, ânforas,oringas, potes e talhas, as peças são descartadas, pois não suportariam nem o calor da comida servida ou deixariam os líquidos vazarem. A queima pode ocorrer uma vez por mês, para os artesãos que têm maior volume de produção, ou a cada dois meses, para aqueles que produzem menos.

Os instrumentos usados na confecção das peças são de uso cotidiano da maioria das pessoas. Por isso, entre as artesãs e artesãos, tornam-se reutilizações criativas de objetos cujas funções iniciais eram diferentes: tampas de latas de

graxa de sapato e outros pedaços de alumínio de formatos variados são usados na raspagem; canetas pilotos e sacolas plásticas permitem alisar a peça; cuias feitas de cabaça auxiliam na forma e também na raspagem; peças de cerâmica grandes que foram perdidas durante a queima tornam-se “prateleiras” de peças menores dentro do forno. Apenas a pintura é feita mais frequentemente com o mesmo material: um pincel feito à base de bambu. Ao ganharem novos usos, estes “instrumentos de trabalho” revelam a criatividade dos artesãos e artesãs no processo de confecção das peças, algo que a descrição da técnica não permite revelar.







Esta criatividade fica mais evidente quando observamos que as principais produções locais guardam forte entrelaçamento do modo de vida dos ceramistas de São Gonçalo Beira Rio com seu contexto ambiental e cultural. Destacam-se as travessas-peixe e as travessas-folha, os casais dançando rasqueado, as canoas de pescar, as galinhas d'angola e as codorninhas, repertório que revela não apenas que os artesãos e artesãs agem sobre os objetos que produzem, mas que os objetos também agem sobre eles, conformando subjetividades individuais e coletivas (Gonçalves, 2007). Assim, apesar de haver um pequeno repertório de peças, comum à maioria dos ceramistas de São Gonçalo Beira Rio, os artesãos têm seu próprio modo de fazer, acrescentando ou retirando detalhes ou elaborando novos desenhos, que individualizam cada peça.

Este repertório de produtos guarda ainda semelhança com a produção indígena, conforme se pode observar em cerâmicas arqueológicas encontradas em escavações realizadas no Pantanal. O modo de produção se assemelha ao de cerâmicas artesanais de outros pontos do país, como as de Ipiranga e do Vale do Jequitinhonha (Lima, Lody e Barbosa, 2010; Teixeira, 2010).

As principais produções locais são:

MORINGAS – têm o formato mais clássico das moringas brasileiras, com o bojo alargado e o pescoço afinado. Podem ou não formar conjunto com copos.

ÂNFORAS – são conjuntos de jarras com bacias antes usadas para o lava-pés, ou ainda para lavar as mãos antes das refeições. As jarras são semelhantes aos

bules, pois, apesar de não possuírem bico, possuem uma asa em um dos lados. Atualmente, servem como peças decorativas, jarras de suco ou moringas. As ânforas, com seus arabescos, revelam também a influência árabe-mulçumana em Cuiabá.

POTES – jarros que têm entre 80 cm e um metro de altura, com bojo de aproximadamente 30 cm de diâmetro,

geralmente pintados apenas com o tauá. Eram usados para reservar água para uso da família, porém, atualmente, são usados como objetos de decoração ou como vasos de planta.

TALHAS – diferem dos potes por terem o pescoço mais afilado, duas asas laterais e serem mais desenhadas com o tauá. Assim como os potes, também eram usadas para o armazenamento de água.





CACHEPÔS, VASOS E SUPORTES PARA PLANTA – são peças ornamentais ou decorativas, geralmente com acabamento feito apenas em tauá.

Moringas, ânforas, potes, talhas e vasos compõem o repertório mais tradicional de produtos artesanais de São Gonçalo Beira Rio. Atualmente, são produzidos em menor quantidade, tanto em função do preço, quanto

da mudança do uso para o qual se destinavam, visto que se tornaram peças decorativas e não mais de uso cotidiano.

TRAVESSAS-PEIXE – usadas para servir pratos variados, elaborados a partir dos peixes dos rios cuiabanos. Seu formato lembra os diversos peixes da região. Pode ter seu acabamento totalmente em tauá ou ser desenhado com os olhos, barbatanas e escamas dos peixes, que

destacam a maior ou menor zoomorfia da peça.

TRAVESSAS-FOLHA – assim como as travessas-peixe, também são usadas para servir pratos variados da culinária cuiabana. Seu formato lembra as folhas de árvores e flores regionais. Podem ter formato alongado ou arredondado, dependendo da folha representada na figuração.



PANELAS E LOUÇAS DE SERVIR – são panelas de tamanho e formatos variados, usadas principalmente para servir feijão, arroz, pirão e moqueca. Também são produzidos bules e chaleiras (chamadas de moringas bugres), assim como copos e xícaras, geralmente decorados com o tauá.

FRUTEIRAS – são travessas mais fundas e arredondadas, cujos desenhos

geralmente acompanham o formato da peça.

CESTAS COM FRUTAS DE CERÂMICA – trata-se de conjunto composto por uma fruteira adornada com tauá e frutas feitas em cerâmica, principalmente mangas, caju, maçãs e laranjas.

BICHINHOS – são animais do cerrado e do Pantanal, tais como tatus, tamanduás, vacas, galinhas d'angola e codorninhas.

A beleza dessas peças está tanto na forma dos animais, quanto na pintura com tauá – como as galinhas d'angola –, ou na confecção de detalhes no próprio barro – como as penas das codorninhas. Estes detalhes individualizam as peças, pois cada ceramista tem seu próprio modo de fazê-los, de acordo com sua criatividade. **MOBILIÁRIOS E LOUCINHAS** – são peças em miniatura que imitam os

móveis encontrados nas casas dos artesãos, como camas, sofás e mesas, ou ainda panelinhas e frutinhas.

CANOA COM PESCADORES – são pequenas canoas que representam o pescador durante a atividade pesqueira. De um modo geral o conjunto é formado pela canoa, o pescador, geralmente sentado, a varinha de pescar e os peixes.

CASAI DANÇANDO RASQUEADO – representação de casal dançando junto, ela vestida sempre com saia e blusa, ele com calça, blusa de gola e chapéu.

SANTOS – os santos são parte do repertório mais tradicional de São Gonçalo Beira Rio e representam não apenas São Gonçalo, mas também outros santos e santas católicos. Assim como os casais, as canoas de pesca e as codorninhas, os santos não são alisados, por isso não têm o mesmo brilho que as demais. Porém, surpreendem pela delicadeza e riqueza de detalhes.

Porque, hoje, para ser artesão, tem que ter calma, paciência, porque quando não é encomenda, você está fazendo ali na esperança de vender, mas você não pode contar com aquele dinheiro. Você tem que esperar vender para fazer aquele compromisso. Já os jovens querem aquele dinheiro fixo. [se deixar de existir a venda] Eu continuo porque é uma



profissão que eu adquiri da minha mãe, e eu trabalho hoje com orgulho, com amor... graças a Deus, depois que eu comecei a trabalhar, nunca desanimei. Sempre trabalhando na esperança de produzir, vender, e criando mais assim, tendo aquela criatividade, fazendo peças diferentes, que a gente não pode ficar todos os dias com o mesmo tipo de peça, pra vender mais... eu gosto de fazer novidade, não copiar dos outros, mas criar. (Dona Eloir)

Essas produções compõem um repertório “mais recente”, pois datam da década de 1960, diferenciando-se da produção tradicional das mães das artesãs e dos artesãos do lugar. Teriam ocorrido devido às mudanças no mercado consumidor, que exigia produtos mais leves e baratos. Contudo, tais transformações no repertório de peças produzidas não podem ser compreendidas como perda (Gonçalves, 1996) ou morte das culturas que lhe deram origem – ou das quais seriam as formas artísticas de expressão – sem que se questione a relação entre descaracterização e o surgimento de novas formas do ajuste simbólico aos novos meios de comercialização (Sahlins, 1997). Travessas, frutas, bichinhos, santos católicos, assim como casais dançando rasqueado e canoas são mostras dessa expressividade local, na medida em que são elaborações de

artesãos especializados, que nelas ressaltam sua própria subjetividade, em contraposição ao que poderia ser pensado como uma produção mecânica. O que se vê em São Gonçalo Beira Rio não é a mera mudança para ajustes de mercado, mas sim a introdução de novas expressões, originadas do tecido cultural e social desta comunidade.





Notas

1 Vale ressaltar que a massa do pão de queijo cuiabano difere da do pão de queijo mineiro, pois é menos esponjosa.

Bibliografia

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ; IPHAN, 1996.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Teorias antropológicas e objetos materiais. In: *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: MinC, 2007.

LIMA, Ricardo, LODY, Raul; BARBOSA, Magnair. *Potes e caborés: cerâmica de Irará*. 2. ed. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2010.

ROMANCINI, Sônia Regina. Paisagem e simbolismo no arraial pioneiro São Gonçalo em Cuiabá - MT. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro; n. 19-20, p. 81-87, jan./dez. 2005.

SAHLINS, Marshall. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em via de extinção. *Mana*, v. 3, n. 1, n. 2, abr./out. 1997. Parte I e II.

TEIXEIRA, Raquel Dias. *Nos campos do vale: cerâmica do Alto Jequitinhonha*. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2010. 32 p.: il. (Sala do Artista Popular, n. 159)

CONTATOS PARA COMERCIALIZAÇÃO

Sala do Artista Popular/CNFCP

Rua do Catete, 179 – Catete - Rio de Janeiro, RJ CEP 22220-000

Tel.: (21) 2285-2545/2285-0441/2285-0891

Fax: (21) 2205-0090

E-mail: mercado.folclore@iphan.gov.br

Site: www.cnfcp.gov.br

Associação de Artesãos da Comunidade São Gonçalo Beira Rio

Rua Antonio Dorileo, 1.660 - São Gonçalo Beira Rio - Cuiabá, MT
CEP 78085-242

Horário de funcionamento: das 09 às 18 horas, todos os dias

Museu de Arte e de Cultura Popular - MACP

Av. Fernando Correa da Costa, 2.367 – Boa Esperança – Cuiabá,
MT CEP 78060-900

Tel.: (65) 3615-8301/ 3615-8355

Horário de funcionamento: das 7h30 às 11h30 e das 13h30 às
17h30

www.ufmt.br

